



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Faculdade de Direito e Relações Internacionais
Curso de Relações Internacionais - FADIR

Larissa Sangalli

**O Papel da China no Comércio Exterior de Mato Grosso do Sul 2000-
2014**

Dourados, MS
Junho, 2015

Larissa Sangalli

**O Papel da China no Comércio Exterior de Mato Grosso do Sul 2000-
2014**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof. Dra. Lisandra Lamoso.

Dourados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S225p Sangalli, Larissa.

O papel da China no comércio exterior de mato Grosso do Sul 2000-2014. / Larissa Sangalli. – Dourados, MS : UFGD, 2015.

24f.

Orientador: Lisandra Lamoso.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Comércio exterior. 2. *Commodities*. 3. Relações Brasil-China. I. Título.

CDD – 382.03

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 22 dias do mês de junho de 2015, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais a aluna **Larissa Sangalli** tendo como título "O Papel da China no comércio exterior de Mato Grosso do Sul".

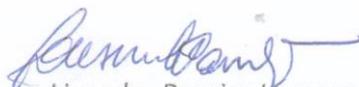
Constituíram a Banca Examinadora os professores Lisandra Pereira Lamoso (orientadora), Tomaz Espósito Neto (examinador) e Hermes Moreira Jr. (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado APROVADA.

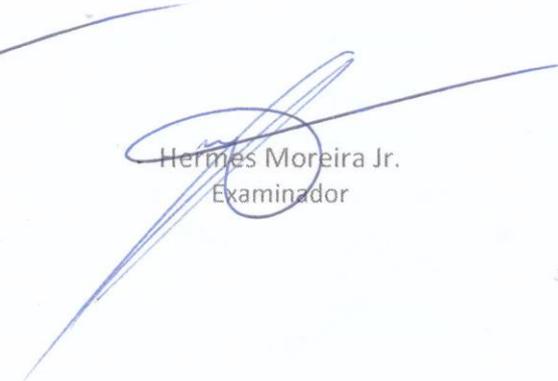
Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:


Lisandra Pereira Lamoso
Orientadora


Tomaz Espósito Neto
Examinador


Hermes Moreira Jr.
Examinador

Diretrizes para Autores

A Oikos (ISSN: 1808-0235) aceita trabalhos sob a forma de ARTIGOS CIENTÍFICOS, COMUNICAÇÕES, RESENHAS, ENTREVISTAS e ARTES.

A publicação dos ARTIGOS CIENTÍFICOS está condicionada ao processo de seleção realizado pela Equipe Editorial com auxílio de dois avaliadores externos no sistema de avaliação cega e por pares. Todos os artigos publicados transferem automaticamente seus direitos autorais para a revista, sendo de responsabilidade dos autores o conteúdo presente em cada artigo.

Os artigos devem ser escritos em português ou espanhol, contendo título, resumo e palavras-chave no idioma original (português ou espanhol) e título, abstract e key-words em inglês. O resumo e o abstract deve ter até 15 linhas cada e as palavras chave e key-words devem ser no máximo 5 cada. O artigo deve ter no máximo 20 páginas (incluindo título, resumo/abstract e palavras chave/keywords, quadros, tabelas, gráficos, ilustrações, notas, anexos e referências bibliográficas), de ACORDO com a seguinte formatação: editor de texto: Word for Windows 6.0 ou posterior, utilizando caracteres Times New Roman tamanho 12; espaçamento entrelinhas 1,5 e alinhamento justificado. Tabelas, quadros e gráficos e deverão ser numerados seqüencialmente por tipo, no título, com algarismos arábicos, e menção da fonte dos dados.

As referências bibliográficas devem estar de acordo com a norma ABNT 6023 e as citações com a norma NBR 10520.

Para COMUNICAÇÕES, RESENHAS, ENTREVISTAS e ARTES o autor deve entrar em contato com a Equipe Editorial para solicitar maiores esclarecimentos, pois para estas seções não adotamos o sistema de avaliação cega e por pares nem as normas e demais procedimentos que caracterizam os ARTIGOS CIENTÍFICOS.

Itens de Verificação para Submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, justificar em "Comentários ao Editor".
2. Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não ultrapasse os 2MB)
3. Todos os endereços de páginas na Internet (URLs), incluídas no texto (Ex.: <http://www.ibict.br>) estão ativos e prontos para clicar.
4. O texto tem até 20 páginas em fonte Times New Roman 12, espaço 1,5; emprega itálico ao invés de sublinhar (exceto em endereços URL); com figuras e tabelas inseridas no texto, e não em seu final.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores](#), na seção Sobre a Revista.
6. A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em [Asegurando a Avaliação por Pares Cega](#).
7. O trabalho apresenta TÍTULO, RESUMO (de até 15 linhas) e PALAVRAS-CHAVE (no máximo 5) na língua original (português ou espanhol) e em INGLÊS.

OIKOS

[CAPA](#) [SOBRE](#) [PÁGINA DO USUÁRIO](#) [PESQUISA](#) [EDIÇÕES ANTERIORES](#) [PUBLIQUE](#)

Capa > Usuário > Autor > **Submissões Ativas**

Submissões Ativas

ATIVO [ARQUIVO](#)

ID	MM-DD ENVIAR	SEC	AUTORES	TÍTULO	SITUAÇÃO
388	01-14	ART	Sangalli	O PAPEL DA CHINA NO COMÉRCIO EXTERIOR DE MATO GROSSO DO...	Aguardando designação

Iniciar Nova Submissão

CLIQUE AQUI para iniciar os cinco passos do processo de Submissão.

Apoio



SISTEMA ELETRÔNICO DE EDITORAÇÃO DE REVISTAS

[Ajuda do sistema](#)

USUÁRIO

Logado como...

larissasangalli

- [Perfil](#)
- [Sair do Sistema](#)

AUTOR

Submissões

- [Ativo \(1\)](#)
- [Arquivo \(0\)](#)
- [Nova Submissão](#)

IDIOMA

Português (Brasil) ▼

CONTEÚDO DA REVISTA

Pesquisa

 ▼

Procurar

- [Por Edição](#)
- [Por Autor](#)
- [Por Título](#)

RESUMO

Com sua economia em constante crescimento, a China se apresenta como principal parceiro comercial do Brasil no cenário internacional. O mesmo observamos com o estado de Mato Grosso do Sul, tanto na pauta exportadora, quanto na importadora. Neste contexto, esta pesquisa busca caracterizar relação existente entre o estado de Mato Grosso do Sul – produtor e exportador de *commodities* – e a China – a qual apresenta enorme demanda por esses produtos de baixo valor agregado, através de uma análise da balança comercial entre esses dois atores. A partir de uma relação comercial pautada majoritariamente pelo intercâmbio de produtos primários por produtos industrializados, considera-se a possibilidade de se explorar as possíveis vantagens comparativas existentes nesse caso.

PALAVRAS-CHAVE: 1) Comércio Exterior; 2) *Commodities*; 3) Relações Brasil-China.

CHINA'S ROLE ON INTERNATIONAL TRADE IN MATO GROSSO DO SUL 2000 - 2014

ABSTRACT

With its constantly growing economy, China represents the major trading partner of Brazil internationally. The same we note with the state of Mato Grosso do Sul, both in the export basket, as the importer. In this context, this research seeks to characterize the relationship between the state of Mato Grosso do Sul - producer and exporter of commodities - and China - which has huge demand for these low-value-added products, through an analysis of the trade balance between these two actors. From a business relationship guided mainly by the exchange of commodities for industrial products, it is considered the possibility of exploiting existing comparative advantages in this case.

KEY-WORDS: 1) Foreign Trade; 2) *Commodities*; 3) Brazil-China Relations.

1. INTRODUÇÃO

Com sua economia em constante crescimento, a China se apresenta, desde 2012, como o principal parceiro comercial do Brasil. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), em 2014, as exportações para a China somaram US\$ 40 bilhões, sendo que, destes, 85% correspondiam a produtos primários; enquanto as importações chegavam a US\$ 37 bilhões e, neste caso, 97% correspondiam a produtos industrializados.

Sabendo que o agronegócio é uma das mais importantes fontes geradoras de riqueza do Brasil (JANK, 2005), optamos por realizar um estudo acerca da balança comercial do estado de Mato Grosso do Sul e a China nos últimos quatorze anos, com o objetivo de caracterizar a relação existente entre o estado de Mato Grosso do Sul, grande produtor e exportador de commodities, e a China, a qual apresenta enorme demanda por esses produtos de baixo valor agregado. Os dados extraídos correspondem aos anos de 2000, 2005, 2010 e 2014, de forma que pudéssemos observar a evolução do intercâmbio comercial entre estes dois atores.

Os dados referentes ao montante de importação e de exportação do estado de Mato Grosso do Sul foram extraídos da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), disponibilizados em www.mdic.gov.br. Já os dados mais detalhados, tal como a descrição dos principais produtos responsáveis por essa relação comercial, foram retirados do portal Alice Web, do MDIC, disponíveis em www.aliceweb.mdic.gov.br, mediante cadastramento. Algumas informações também foram retiradas do site da Organização Mundial do Comércio (OMC), disponíveis em www.wto.org, e do Banco Mundial, disponíveis em www.worldbank.org, a fim de auxiliar na interpretação da atual posição da China na economia global.

2. COMÉRCIO EXTERIOR: PRINCIPAIS CORRENTES TEÓRICAS

A relevância dos temas tratados pela Economia Internacional, segundo Baumann (2004), se dá pelo fato destes se fazerem presentes tanto na vida das pessoas e empresas, quanto na determinação de uma linha de política econômica pelos países. Essa

percepção acerca da importância da inter-relação com outras economias tem crescido de forma gradual nos últimos trinta anos, motivada pelo crescimento dos fluxos de comércio internacional e pela maior interação financeira em nível global.

Segundo Gilpin (2002), os modelos teóricos propostos para analisar os padrões de comércio internacional se sustentaram no paradoxo existente entre a liberalização do comércio e o protecionismo.

Contrapondo-se à visão mercantilista, a teoria liberal, baseada na crença de que a especialização econômica produz ganhos na eficiência produtiva e na renda nacional e que o comércio amplia as possibilidades de consumo, defende que o comércio internacional tem efeitos positivos sobre a oferta e a demanda. A partir disso, Adam Smith propõe, em *Wealth of Nations* (1776), que quando um Estado é contrário ao intercâmbio de bens e à ampliação do mercado, está restringindo o bem-estar interno e o crescimento econômico (GILPIN, 2002). Desta forma, uma economia só deveria manter relações com a outra, caso obtivesse ganhos absolutos derivados desse intercâmbio comercial. Em *Principles of Political Economy and Taxation* (1817), David Ricardo aponta a necessidade de se considerar a estrutura produtiva de cada uma das economias em questão, de forma que o comércio possa ser caracterizado por preços relativos e não absolutos, entendendo assim, quais as atividades mais vantajosas para cada uma delas. Aqui, tem-se o trabalho como fator diferenciador dos preços e a tecnologia como responsável por essa relativização dos custos de produção.

Como referência principal à teoria neoclássica, o teorema antes proposto por Heckscher (1919) e reformulado por Ohlin (1930), propõe que as vantagens comparativas dos produtos são determinadas a partir das diferentes dotações ou estoques de fatores de produção, tais como capital, trabalho, recursos naturais, capacidade administrativa e tecnologia. Ou seja, estão relacionadas à forma como cada país emprega, em seu processo produtivo, aqueles fatores de produção mais abundantes em seu território. Este modelo, segundo Gilpin (2002), ainda é o mais relevante para explicar o intercâmbio entre setores, por exemplo, a permuta entre produtos manufaturados e matérias-primas. Entretanto, não é tão eficaz ao explicar as trocas comerciais entre países industrializados.

A partir deste contexto, surge a chamada "nova teoria do comércio internacional", a qual tenta explicar dois pontos paradoxais às teorias clássica e neoclássica, sendo eles: a expansão do comércio entre países de mesmas dotações e o aumento no intercâmbio de produtos similares entre eles. Entretanto, observamos diferentes abordagens a partir deste modelo. A principal delas reconhece a existência de economias de escala, as quais, a partir de uma variação dos fatores de produção, geram aumento da quantidade produzida. Segundo Krugman (1985), elas "criam um incentivo adicional e geram comércio mesmo se os países forem idênticos em gostos, tecnologias e dotação de fatores". Sua justificativa é baseada na abertura do mercado por uma determinada economia, que resulta em um melhor aproveitamento de mercado pela firma e, conseqüentemente, permite a operação dos ganhos derivados das economias de escala.

O modelo baseado na demanda interna foi formulado por Linder em 1961. O que se propunha, nesse caso, é que uma maior demanda por produtos sofisticados passa a existir, à medida que a renda *per capita* aumenta naquele determinado país. Desta forma, se opõe ao que antes era proposto por Heckscher e Ohlin e conclui que o intercâmbio comercial de produtos industrializados é potencialmente maior em países com a renda *per capita* semelhante.

A teoria nacionalista, em contrapartida à liberal, resume-se em três fatores, sendo eles: "1) as implicações do livre comércio para o desenvolvimento econômico e divisão internacional do trabalho; 2) os ganhos relativos, e não absolutos (os efeitos distributivos do livre comércio); 3) o efeito sobre a autonomia nacional e o impacto sobre o bem-estar interno do país" (Blackhurst, Marian e Tumlrir, p. 29-42). Tanto Hamilton quanto List acreditavam no desenvolvimento econômico a partir do desenvolvimento industrial, tão como na fragilidade da segurança nacional a partir de uma mundial altamente interdependente (GILPIN, 2002).

3. A CHINA COMO EXPRESSÃO INTERNACIONAL

Até a década de setenta, a China era regida por uma economia na qual predominava um sistema planejado e fechado para o intercâmbio internacional. Com o término da agricultura coletiva e o aumento da autonomia das empresas estatais, o país

passa a ser orientado, a partir de 1978, para uma economia de mercado, na qual ocorre um rápido crescimento do setor privado e a abertura para o comércio exterior e investimentos externos (SAMPAIO JUNIOR, 1999).

Com o fim da Guerra Fria, nas décadas de oitenta e noventa e, conseqüentemente, o fim da bipolaridade (EUA e URSS) do Sistema Internacional, ocorreram claras transformações no núcleo de poder mundial. Os Estados Unidos passaram a assistir à ascensão do país mais beneficiado com a globalização - principal produto do período pós Guerra Fria - a China.

O rompimento do cerco imperialista que a dominava e o desbloqueio ao acesso à tecnologia deram à China condições suficientes para superar décadas de total isolamento de seu comércio internacional. Sua capacidade de explorar as rivalidades entre os países desenvolvidos e a possibilidade de tirar vantagens da concorrência entre os grandes oligopólios internacionais, ampliaram sua presença na economia internacional e a tornou capaz de negociar, em condições favoráveis, uma nova rodada de internacionalização da economia (SAMPAIO JUNIOR, 1999).

Para Oliveira,

Desde o final da Guerra Fria, desenvolve-se um processo de redefinição do Sistema Internacional e similarmente de reordenamento internacional, com um impasse contínuo na definição das regras que possam reger o comércio internacional. Nesse sentido, em adequação ao atual momento conjuntural das relações internacionais, o que se busca é a formação de uma frente, entendida como um processo de *Cooperação Sul-Sul*, para discussão e defesa conjunta de interesses relativamente mútuos entre esses países frente aos desenvolvidos (Oliveira, 2004, p.20).

Para Cabral,

É neste contexto que se insere a cooperação política dos dois maiores estados do mundo em desenvolvimento, a China e o Brasil, capazes potencialmente de contribuir para a construção de uma nova ordem internacional multipolar e anti-hegemônica (CABRAL, 2000, p. 33).

A partir desta conjuntura, a China tornou-se recentemente a segunda maior economia do mundo, com um PIB de 9,24 trilhão USD e uma população de 1,3 bilhão em 2013, segundo o Banco Mundial. Apesar do expansivo crescimento econômico, o país continua sendo considerado um país em desenvolvimento. Isso se deve,

principalmente, ao número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza - perdendo apenas para a Índia neste ponto - e às reformas incompletas de mercado. Segundo o *ranking* de 2014 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a China encontra-se em 91º lugar no quesito Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

De acordo com o relatório de comércio exterior, publicado em abril de 2015 pela Divisão de Inteligência Comercial (DIC) do Ministério das Relações Exteriores (MRE), a China cresceu 7,40% em 2014, representando 0,30% a menos do que o crescimento registrado no ano anterior. A estimativa de origem do PIB chinês registrado em 2013 corresponde a 10% oriundo da agricultura, 43,9% vindo da indústria e 46,1% vindo do segmento de serviços. Já a balança comercial se mantém com saldo positivo desde 2009 (Ver Figura 1).

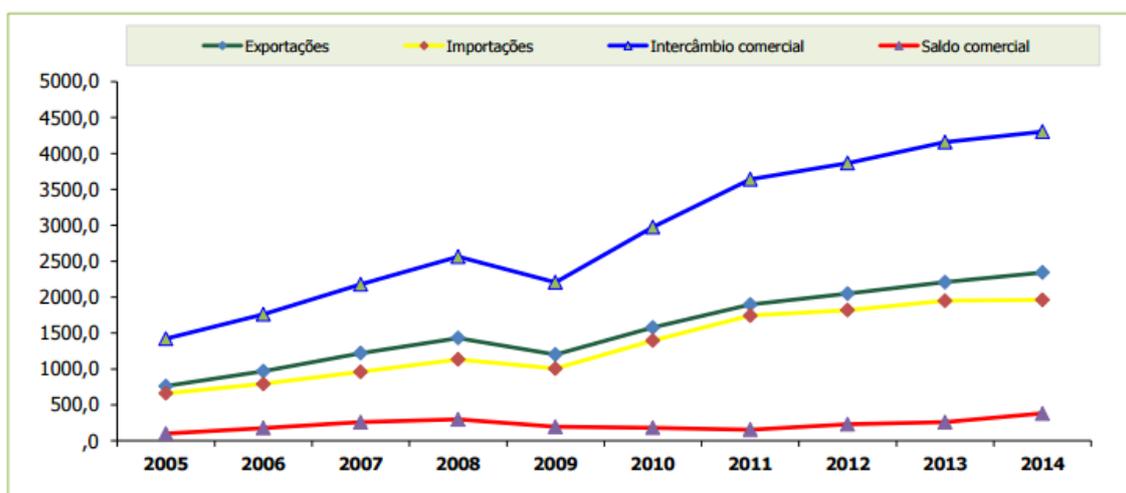


Figura 1: **Balança Comercial da China (2005 - 2014) em bilhões US\$.**

Fonte: Divisão de Inteligência Comercial (DIC) do MRE.

Os principais países de destino das exportações chinesas são, em ordem decrescente, Estados Unidos, Hong Kong, Japão e Coreia do Sul. O Brasil ocupa a 17ª posição, representando 1,5% da participação total nas exportações. Entre os produtos mais exportados pela China estão máquinas elétricas e mecânicas, móveis, vestuário, instrumentos de precisão, plásticos e automóveis (Ver Figura 2).

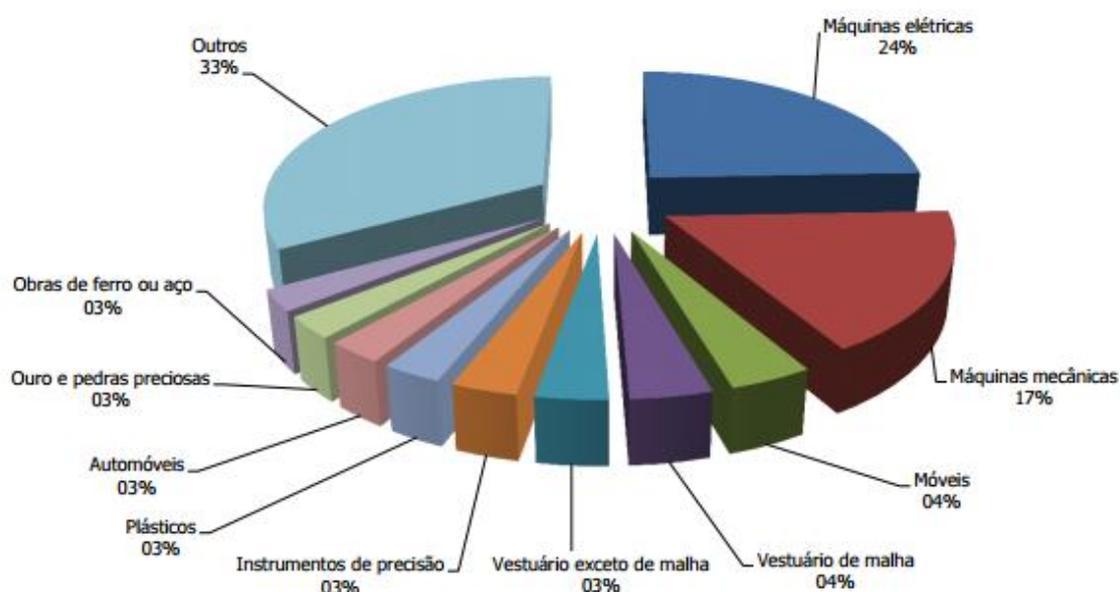


Figura 2: **Principais Produtos Exportados - China (2014).**

Fonte: Divisão de Inteligência Comercial (DIC) do MRE

Já em relação à origem das importações, os principais países são Coreia do Sul, Japão, Estados Unidos, Taiwan e Alemanha. Neste caso, o Brasil ocupa o 8º lugar na lista, representando 2,6% do total das importações chinesas. A composição dessas importações é dada por máquinas elétricas e mecânicas, combustíveis e minérios. Soja, grãos e sementes ocupam o 10º lugar na lista de importações, correspondendo a 2,3% do total (Ver Figura 3). Tanto o total de exportações, quanto o total de importações estão indicados por US\$ bilhões.

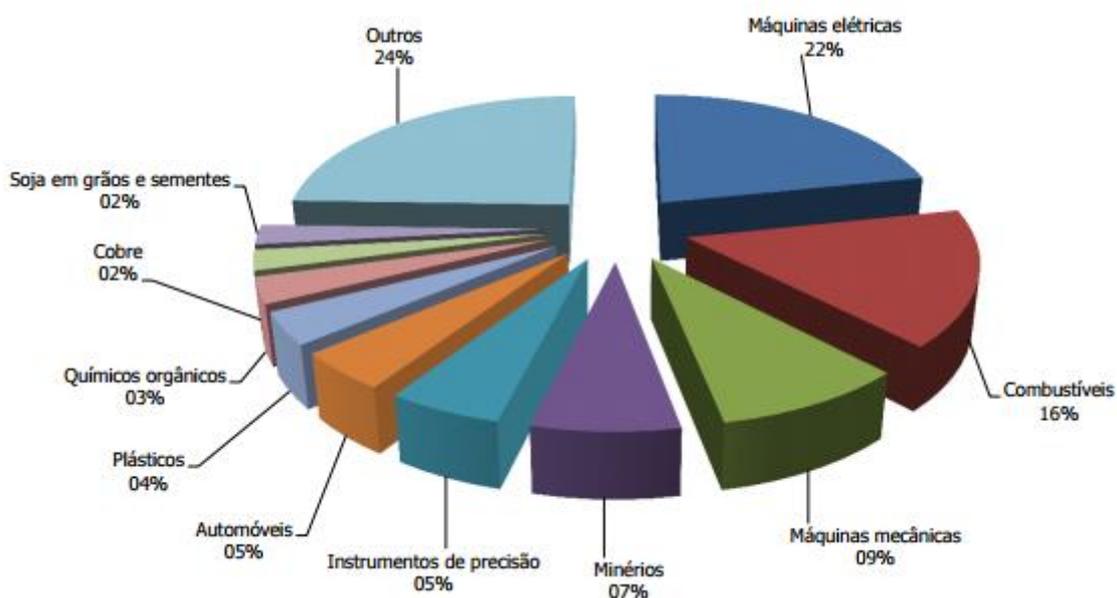


Figura 3: Principais Produtos Importados - China (2014).

Fonte: Divisão de Inteligência Comercial (DIC) do MRE

Apesar do Brasil não se posicionar entre os cinco maiores parceiros comerciais da China, o mesmo não se pode dizer da China em relação ao Brasil. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), a China foi o principal destino das exportações brasileiras em 2014, com uma participação de 18% do total. Destes, 84% eram produtos primários ou *commodities*. Da mesma forma que foi o país que mais importou para o Brasil, com uma participação de 16,3% do total das importações. Em contrapartida, 98% dos produtos importados eram industrializados.

4. O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Localizado ao sul da região Centro-Oeste, o estado de Mato Grosso do Sul possui uma área de 357.145.532 km², dividida em 79 municípios e 165 distritos. Sua população, segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de 2.449.024 habitantes. Sendo que, destes, 2.097.238 se encontram na área urbana (85.6% do total) e 351.786 na área rural (14.4% do total).

A economia do estado está baseada na indústria, agropecuária, extração mineral, turismo e prestação de serviços. Ainda segundo o IBGE, o Produto Interno Bruto (PIB) do estado foi registrado em R\$54,471 bilhões em 2014. Sendo que, destes, a indústria é responsável por R\$14,2 bilhões, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul (FIEMS).

O estado possui como limites geográficos os estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, São Paulo, Bolívia e Paraguai; e como principais rotas as rodovias federais 163, 267, 060, 262 e duas ferrovias que também cortam o estado: Ferronorte e Ferro Noroeste do Brasil. Além de possuir uma hidrografia responsável pela comunicação com países como a Argentina, através da Bacia do Rio da Prata, e pela garantia de acesso aos oceanos Atlântico e Pacífico, através da Bolívia. Representando, desta forma, posição geográfica estratégica no fomento ao desenvolvimento regional e à exportação, visto que é o estado da região Centro-Oeste mais próximo dos portos de Santos (SP) e Paranaguá (PR) (Ver Figura 4). A diversidade

logística, por tornar o processo de escoamento de produção mais barato e eficiente, foi um dos fatores favoráveis para que Mato Grosso do Sul passasse de 7º maior produtor de grãos do país em 2004 para o 5º maior produtor em 2014.



Figura 4 - Principais Rotas de Escoamento de Mato Grosso do Sul em 2012.

Essa inserção do estado no cenário internacional se dá com mais de 60 mil estabelecimentos agropecuários, formados por mais de 30 milhões de hectares disponíveis para a agricultura, segundo os dados do censo agropecuário de 2006 do IBGE. Era no Mato Grosso do Sul onde se encontrava o maior rebanho bovino do Brasil, com cerca de 20 milhões de cabeças de gado.

Em 2014, segundo o MDIC, Mato Grosso do Sul teve uma participação de 2,33% do volume total das exportações brasileiras. Dentre as principais empresas exportadoras no estado neste mesmo ano estão a Eldorado Celulose, JBS, Mineração Corumbaense Reunidas (MCR), ADM do Brasil, Fíbria, Bunge e Seara. Do valor total das exportações do estado, 67% são *commodities* (Ver Figura 5), sendo que os principais produtos responsáveis por essa participação são: soja, pasta química de madeira, carnes, minérios de ferro e açúcares.

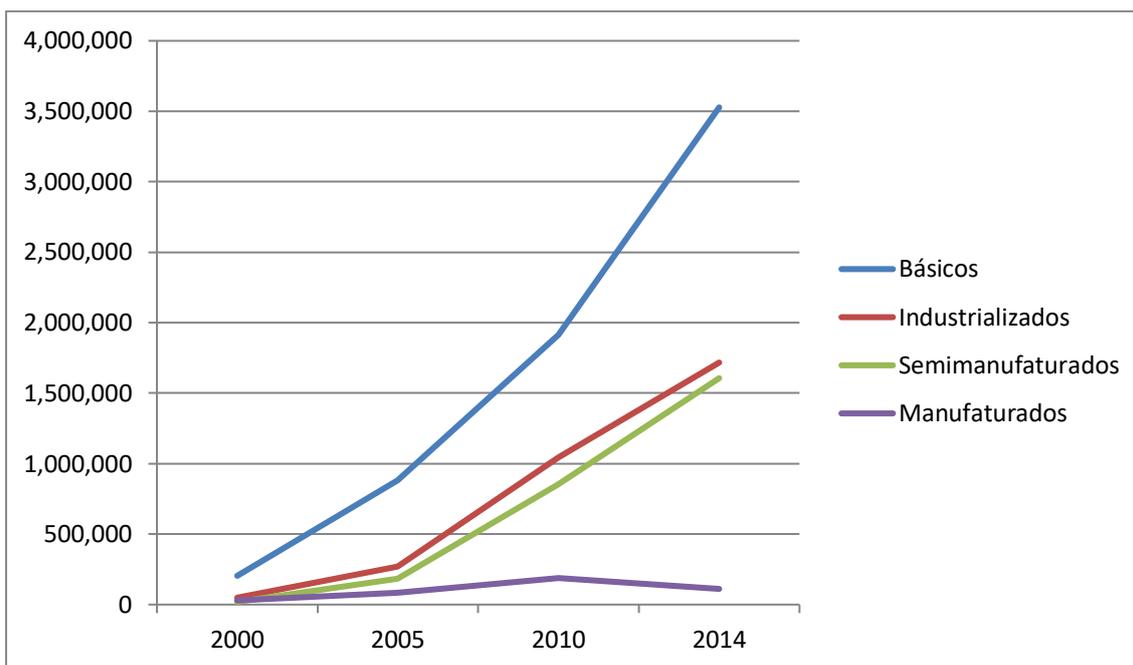


Figura 5: **Exportação sul-mato-grossense por Fator Agregado (2000-2014).**

Elaborado por: Larissa Sangalli - Fonte: MDIC

Com o crescimento significativo desta cadeia de produtos de baixo valor agregado no cenário do comércio internacional e, a partir daí, uma construção da balança comercial baseada na exportação de *commodities*, cria-se o receio de que, havendo uma queda nos preços destes produtos - como houve em 2001 - o estado de Mato Grosso do Sul possa ficar vulnerável neste cenário. Surge a preocupação de que o Brasil mantenha o mesmo posicionamento adotado em outros ciclos econômicos associados a produtos básicos, como foi o caso dos ciclos do cacau e da borracha, desfrutando da arrecadação extra, sem se preocupar em investir em tecnologia para que pudesse se colocar à frente em relação aos outros países no cenário internacional. Entretanto, também observa-se no caso de Mato Grosso do Sul, que houve crescimento no volume de exportações de produtos industrializados no mesmo período analisado. De forma que o estado não possa se configurar em um contexto de reprimarização.

É importante ressaltar que a legislação brasileira continua estimulando a exportação das *commodities* através da chamada Lei Kandir (Lei Complementar No 87 de 13/09/1996), que isenta o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) dos produtos primários e semi-manufaturados destinados à exportação. Os estados, neste caso, são os responsáveis por compensar tais perdas na arrecadação.

Em relação aos principais países de destino das exportações sul-mato-grossenses, a China vem se estabelecendo em posição de destaque desde o começo do século XXI. Se firmando, em 2014, como o principal destino dos produtos exportados por Mato Grosso do Sul (Ver Figura 6), o que representa um valor total de US\$ 1.480.880.817. Enquanto a Argentina, em segundo lugar, tem importado do estado um valor de US\$ 526.718.682.

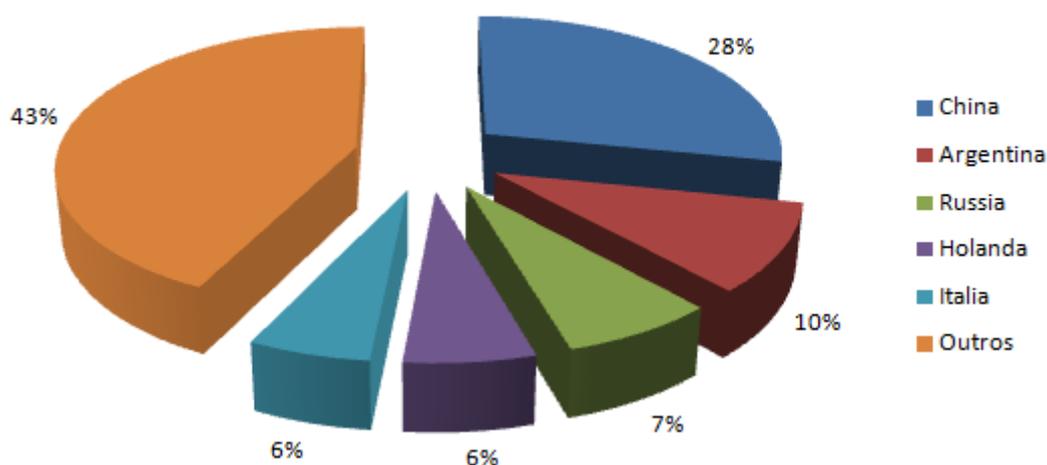


Figura 6: **Principais Países de Destino das Exportações sul-mato-grossenses (2014).**

Elaborado por: Larissa Sangalli - Fonte: MDIC

5. O CICLO DAS *COMMODITIES* NO SÉCULO XXI

O que se pode analisar em relação aos baixos preços das *commodities* no século XX, segundo Carneiro (2012), é que esta se originou a partir uma baixa elasticidade-renda da demanda de produtos primários, de forma que quanto maior fosse a renda, menos dela era gasta com produtos de baixo valor agregado; tão como à baixa elasticidade-preço da oferta justificado pela lenta resposta deste setor à oscilações econômicas. Entretanto, esse período também foi marcado pelo desenvolvimento da mecanização e da fertilização em larga escala, fatores estes que acarretaram em um aumento de produtividade e redução de desperdícios.

Mesmo com o quesito "volatilidade" sendo mantido, a partir do século XXI o preço das *commodities* passou a subir consideravelmente. Segundo o Fundo Monetário

Internacional (FMI), do começo de 2013 a meados de 2008 a cotação destes produtos multiplicou-se por três. Mesmo sendo abalados pela da crise do *subprime* em 2008, os preços logo voltaram a subir no primeiro semestre de 2009. Este crescimento se manteve constante até meados de 2011. A partir de julho deste ano, voltamos a observar uma queda nos preços destes produtos de baixo valor agregado (Ver Figura 6).

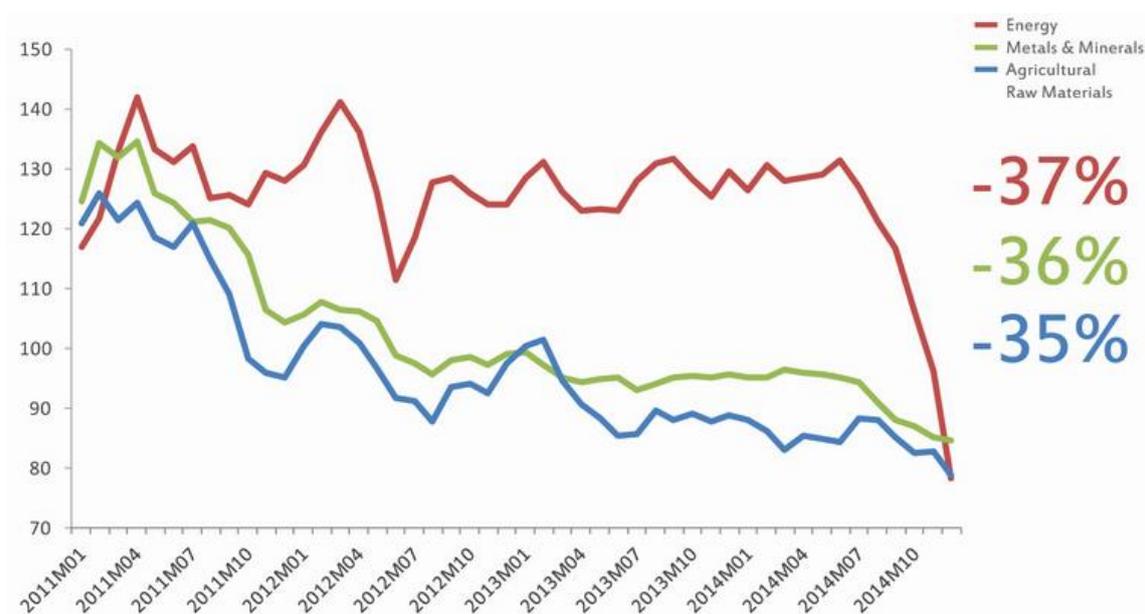


Figura 6: Declínio nos Preços das *Commodities* (2011 - 2014).

Fonte: *Commodity Markets - World Bank* (jan - 2015)

Como explicação recorrente para o fenômeno de "superciclo" das *commodities* a partir de 2002, está o desequilíbrio entre a demanda e a oferta (BLACK, 2012). Pelo lado da demanda, o "efeito-China-demanda" - gerado pelo crescimento econômico e urbanização chinesa - possibilitou que a China aumentasse seu *market-share* como exportadora de manufaturados e importadora de matéria-prima, após sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001 ; pelo lado da oferta, os choques climáticos a partir de 2002, com destaque para o El Niño, afetaram diretamente alguns produtos primários em específico, sendo eles algodão, café, soja e açúcar.

6. A BALANÇA COMERCIAL

Entendendo a representatividade da China no comércio internacional e seu papel como maior parceiro comercial do Brasil desde 2012, tão como a expressiva produção agrícola do estado de Mato Grosso do Sul, a análise a seguir pretende apontar as principais características deste intercâmbio comercial nos últimos quatorze anos, de forma que possamos observar a evolução das importações e exportações (Ver Figura 7), e os principais produtos responsáveis por essa parceria comercial.

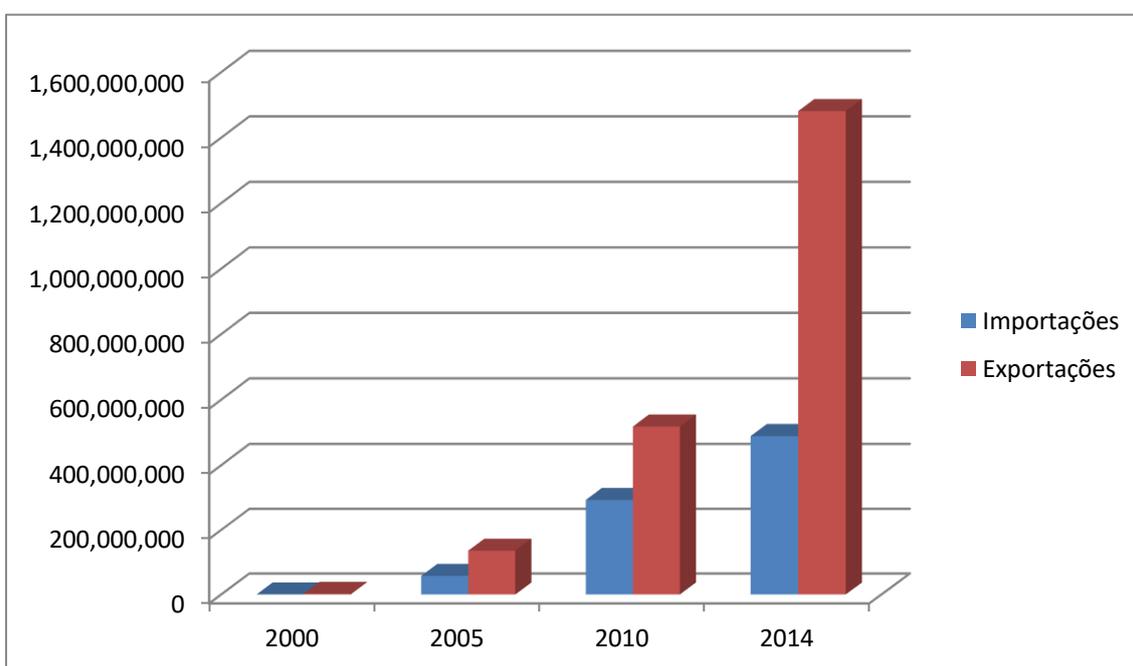


Figura 7: **Balança Comercial - China e Mato Grosso do Sul (2000 - 2014).**

Elaborado por: Larissa Sangalli - Fonte: MDIC

No ano de 2000, a participação chinesa na pauta exportadora sul-mato-grossense se limitou a 0,78% do total das exportações, enquanto na importadora esse número era ainda menor, chegando a 0,04%. No ano de 2014, a China já posicionada como o principal destino das exportações de Mato Grosso do Sul, representou 28,23% do total exportado. Neste mesmo ano, na pauta importadora, foi a origem de 9,33% de tudo que foi importado pelo estado. Em relação ao período analisado (2000-2014), observamos um crescimento de 776% do total das importações e 74000% do total das exportações.

Analisando os produtos responsáveis pela constituição da pauta exportadora do estado neste mesmo período, concluímos que alguns deles se mantêm em posições de

destaque ano após ano, são os casos do complexo de soja, couro, pasta química de madeira e miudezas de galinha. Por outro lado, na pauta importadora, observamos o mesmo processo, onde os produtos que aparecem constantemente em posições de referência são tecidos em geral e objetos metálicos (Ver Tabela 1).

BALANÇA COMERCIAL (MATO GROSSO DO SUL - CHINA)		
PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS NO ANO DE 2000		
PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
Miudezas de Galinha	1.805.572	91,48
Ácido Oléico	89.316	4,52
Miudezas de Suíno	43.469	2,20
Madeira de Peroba	15.277	0,77
Outros	19.945	1,01
PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS NO ANO DE 2000		
PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
Tubos de Ferro Fundido	30.528	48,52
Disp. Eletrônicos p/ Ignição	18.000	28,60
Brinquedos com Enchimento	7.690	12,22
Vestuários de Algodão	4.200	6,67
Outros	2.500	3,97
PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS NO ANO DE 2005		
PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
Soja	91.874.252	67,77
Couro Bovino	33.990.883	25,07

Óleo de Soja	7.105.508	5,24
Algodão Debulhado	615.958	0,45
Outros	1.962.444	1,44
PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS NO ANO DE 2005		
PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
Tecido de Poliéster	30.960.644	53,90
Tecido de Filamento Sintético	9.500.920	16,54
Partes de Cadeados	1.592.796	2,77
Tecidos de Algodão	981.322	1,70
Outros	14.404.591	25,07
PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS NO ANO DE 2010		
PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
Soja	403.790.079	77,99
Óleo de Soja	45.309.401	8,75
Pasta Química de Madeira	24.473.112	4,72
Açúcares de Cana	14.760.718	2,85
Outros	29.390.608	5,67
PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS NO ANO DE 2010		
PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
Tecidos de Malha	62.795.778	21,46
Tecidos de Poliéster	61.814.119	21,12
Lâminas de Ferro	12.091.007	4,13
Pentóxido de Fósforo (Superfosfato)	8.790.504	3,00

Outros	152.741.105	52,20
PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS NO ANO DE 2014		
PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
Soja	949.946.182	64,14
Pasta Química de Madeira	358.423.058	24,20
Miudezas de Galinha	60.618.836	4,09
Couros Bovinos	59.306.451	4,00
Outros	52.586.290	3,57
PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS NO ANO DE 2014		
PRODUTOS	US\$ FOB	PART%
Tecidos	61.460.178	12,57
Produtos Laminados	47.817.972	9,78
Veludo e Pelúcia	26.064.330	5,33
Fios de Poliéster	25.703.867	5,26
Outros	327.510.000	67,06

Elaborado por: Larissa Sangalli - Fonte: MDIC

O fator agregado, classificado como grau de elaboração de um produto, se faz necessário para um acompanhamento e caracterização mais precisos do comércio de forma geral. Segundo conceituação utilizada pelo MDIC, os produtos podem ser classificados como: industrializados, subdivididos em semimanufaturados e manufaturados; e produtos primários (básicos). Para ser classificado como "primário", um produto deve ser de cadeia produtiva simples, passando por poucas transformações.

Desta forma, baseado na caracterização da balança comercial entre Mato Grosso do Sul e a China no período correspondente, podemos observar uma pauta exportadora

composta majoritariamente por produtos de baixo valor agregado, as *commodities*, e uma pauta importadora formada por produtos industrializados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo, observamos que o mercado de exportações de *commodities* vem se expandindo significativamente a partir dos anos 2000. Os dados mostrados nessa pesquisa sugerem, à priori, que uma especialização na cadeia produtiva pode gerar uma dependência em relação aos produtos industrializados vindos de outros países, como é o caso da relação entre Mato Grosso do Sul e a China.

Entretanto, deve-se avaliar a possibilidade de exploração de possíveis vantagens comparativas entre um estado que se coloca como grande produtor de produtos primários e um país cuja forte capacidade industrial dificultaria a tentativa de se verticalizar a produção. De forma que um melhor entendimento acerca dos fatores de produção empregados no processo produtivo, permite que se adicione mais valor e, conseqüentemente, gere maior renda em cima produto final. É possível que haja um ganho maior através do investimento em tecnologia e logística, por exemplo, do que optar por um desenvolvimento industrial que pode não ter fôlego para concorrer com o mercado externo.

8. REFERÊNCIAS

BAUMANN, Renato; CANUTO, Otaviano; GONÇALVES, Reinaldo. **Economia Internacional: Teoria e Experiência Brasileira**. São Paulo: Campus, 2004.

BLACK, Clarissa. Eventos relacionados no superciclo de preços das commodities no século XXI. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 67-78, 2013.

BLACKHURST, Richard; MARION, Marian; TUMLIR, Jan. Trade liberalization, protectionism and independence. Geneva: **General Agreement on Tariffs and Trade**, 1977. p. 29-42.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores (MRE), Divisão de Inteligência Comercial (DIC). **China - Comércio Exterior**. Brasília, DF, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.brasilexport.gov.br/sites/default/files/publicacoes/indicadoresEconomicos/INDChina.pdf>>.

CABRAL, Severino. Encontro entre Brasil e China: cooperação para o séc XXI. **Revista Brasileira de Política Internacional**. 2000, vol.43, n.1 : pp. 24-42.

CARNEIRO, R.M. **Commodities, choques externos e crescimento**: reflexões sobre a América Latina. Santiago do Chile: Cepal, 2012.

GILPIN, Robert. **A Economia Política das Relações Internacionais**. Brasília: UnB, 2002. (Cap. 5 - A política do comércio internacional).

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **IMF Primary Commodity Prices**. 2012. Disponível em: < <http://www.imf.org/external/np/res/commod/index.aspx>>.

JANK, Marcos Sawaya; NASSA, André Meloni; TACHINARDI, Maria Helena. Agronegócio e comércio exterior brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n.64, p. 14-27, fev. 2005. ISSN 2316-9036. Disponível em: <www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13387/15205>.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional**. 2004, vol.47, n.1 : p. 7-30.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). **Relatório do Desenvolvimento Humano 2014**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014.pdf>>.

SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. Brasil e China: estratégias antípodas de participação na globalização dos negócios. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org.). **Brasil e China - multipolaridade**. Brasília : IPRI / FUNAG, 2003. p. 455 – 474.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABDENUR, Roberto. **O Brasil e a nova realidade asiática**: uma estratégia de aproximação. *Política Externa*, 2 (3): 43-69, 1994.

ARRIGHI, G.; HAMASHITA, T. & SELDEN, M. (eds.). 2003. **The Resurgence of East Asia**: 500, 150 and 50 Year Perspectives (Asia's Transformations). Abingdon: Routledge.

DELIANG, Shang. Cooperação política entre China e Brasil versus multipolarização. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org.). **Brasil e China - Multipolaridade**. Brasília : IPRI / FUNAG, 2003. p. 291- 308.

HAIBIN, Niu. Emerging Global Partnership: Brazil and China. **Revista Brasileira de Política Internacional**. Vol 53 (special edition), 2010: p.183-192.

LAMOSO, Lisandra Pereira. Comércio exterior e estruturas produtivas no Mato Grosso do Sul. In: 1 SIMPÓSIO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FCH, 2010. Dourados. **Anais 1 Simpósio de Pesquisa e Extensão da FCH**. Dourados : UFGD, 2010.

LESSA, Antônio Carlos. Brazil's strategic partnerships: an assessment of the Lula era (2003- 2010). **Revista Brasileira de Política Internacional**. Vol 53 (special edition), 2010: p. 115-131.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. Crescimento, inserção externa e estratégias de desenvolvimento no Brasil e na China. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org.). **Brasil e China - Multipolaridade**. Brasília : IPRI / FUNAG, 2003. p. 327 – 354.

MOREIRA JR., Hermes. Rumo a uma nova ordem global? A atuação de Brasil e China frente ao declínio norte-americano. In: PAULINO, Luís Antônio & PIRES, Marcos Cordeiro (org.). **As Relações China e América Latina num contexto de crise: estratégias, intercâmbio e potencialidades** : LCTE Editora, São Paulo, 2011. p. 226 – 244.

MORTATTI, Caio Marcos & MIRANDA, Sílvia Helena Galvão de & BACCHI, Mirian Rumenos Piedade. Determinantes do comércio Brasil-China de commodities e produtos industrializados: uma aplicação vecm. **Economia Aplicada**, v. 15, n. 2, 2011, pp. 311 – 335.

OLIVEIRA, Carlos Tavares de. O comércio reabriu a China para o mundo. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org.). **Brasil e China - Multipolaridade**. Brasília: IPRI /FUNAG, 2003. p. 355 – 386.

OLIVEIRA, Henrique Altamani de. Brasil e China: uma nova aliança não escrita?. **Revista Brasileira de Política Internacional**. 2010, Vol. 53 (2) : p. 88-106.

PEDROZO, Gustavo Erler & SILVA, Marli da. Brasil e China: Estratégias assimétricas de inserção internacional e desempenho das relações de comércio. In: PAULINO, Luís Antônio & PIRES, Marcos Cordeiro (org.). **As Relações China e América Latina num contexto de crise: estratégias, intercâmbio e potencialidades** : LCTE Editora, São Paulo, 2011. p. 131 – 160.

PAULINO, Luís Antônio. Presença econômica e comercial da China no Brasil. In: PAULINO, Luís Antônio & PIRES, Marcos Cordeiro (org.). **As Relações China e América Latina num contexto de crise: estratégias, intercâmbio e potencialidades** : LCTE Editora, São Paulo, 2011. p. 383 – 405.

PAULINO, Luís Antônio & PIRES, Marcos Cordeiro. As relações Brasil e China: possibilidades e limitações. In: PAULINO, Luís Antônio & PIRES, Marcos Cordeiro (org.). **As Relações China e América Latina num contexto de crise: estratégias, intercâmbio e potencialidades** : LCTE Editora, São Paulo, 2011. p. 19 – 43.

SHIXUE, Jiang. Relações de investimento entre Brasil e China em direção ao século XXI. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org.). **Brasil e China - Multipolaridade**. Brasília : IPRI / FUNAG, 2003. p. 407- 434.